



### **O direito à angústia:**

as colunas de Clarice no JB como espaço político de uma subjetivação resistente

Renata Marques de Oliveira Delage<sup>1</sup>

Wedencley Alves Santana<sup>2</sup>

#### **Resumo curto:**

A pesquisa investiga o discurso de Clarice Lispector sob a luz de uma subjetivação em transformação. Sob o viés da Análise do Discurso, analisaremos crônicas da autora, publicadas no “Jornal do Brasil”, a fim de refletir sobre os sentidos de dor e sofrimento mobilizados por ela. O pressuposto é de que, ao nos interrogarmos sobre o sofrimento e seus sentidos para o sujeito, podemos encontrar as próprias pistas que marcam os modos de subjetivação de uma dada época.

#### **Resumo expandido:**

Partindo do entendimento essencial de que a percepção da dor é construída histórica e socialmente, propomos a investigação do discurso da consagrada escritora Clarice Lispector sob a luz de uma subjetivação em transformação. Para isso, levantamos uma questão bem específica: que sentidos de dor e de sofrimento são mobilizados por Clarice? Que sujeitos emergem a partir do significante “dor” e suas tantas metáforas nas crônicas publicadas por Clarice no Jornal do Brasil, entre os anos de 1967 e 1973 [reunidas na obra, lançada após sua morte, “A Descoberta do Mundo” (1999)]? Que disputas de sentido são travadas nas páginas daquele jornal que colaboram com as reflexões sobre o que é o sujeito da atualidade? O pressuposto é de que, ao nos interrogarmos sobre a dor e o sofrimento e seus sentidos para o sujeito, podemos encontrar as próprias pistas que marcam os modos de subjetivação (ou assujeitamentos) de uma dada época.

Para tentar dar conta de nossas indagações, recorreremos à perspectiva da Análise do Discurso (AD) dita francesa, que surge nos anos 1960, em um momento em que, com o progresso da Linguística, já era possível pensar não considerar o sentido como “conteúdo”. Não trabalhar apenas, dessa forma, com o que a linguagem quer dizer, mas “como” ela funciona.

Interrogamo-nos sobre as posições discursivas ocupadas por Clarice Lispector nas colunas do JB e levantamos a hipótese de que, naquele espaço da coluna, que mantinha com o jornal e o jornalismo da época uma relação intertextual e interdiscursiva, a autora pode ter vocalizado outros modos de subjetivação em relação àqueles que iriam se afirmando na época, principalmente, no que diz respeito às enunciações sobre o mal-estar nas sociedades contemporâneas. Clarice, parece-nos, reinstaura o direito à angústia e, ainda, ao equívoco, camuflado por uma objetividade – ou efeito de objetividade – cada vez mais aclamada.

Entramos, assim, em um campo ideológico complexo, que levanta questões a respeito de um sujeito de interioridade esvaziada e temporalidade reduzida, que se vê ligado a uma sociedade cujo desengajamento é forte característica e imerso em relações cada vez mais distantes e voláteis, denunciados por autores como Joel Birman (1999; 2003) e Claudine Haroche (2008). Onde, de certa forma, vai se reafirmando um sujeito do consumo, por um lado, e da medicalização, por outro, mas que, como em duas séries discursivas que se encontram, resultarão, cada vez mais, num processo de medicamentação

<sup>1</sup> Discente do primeiro ano do Mestrado em Comunicação da UFJF, Linha de Pesquisa “Comunicação e Poder”. E-mail: renatadelage@gmail.com.

<sup>2</sup> Professor orientador. E-mail: wedencley@gmail.com.



intensiva, que marca uma nova maneira de lidar com a dor e o sofrimento. Enfim, que marca novos modos de relação do sujeito com o próprio corpo e o bem - ou mal - estar psíquico.

A priorização de uma individualidade cada vez mais pronunciada induz os indivíduos a expelirem a dor, a qualquer custo. Sob essa perspectiva, sentir dor seria o mesmo que deixar transparecer as impotências do sujeito na busca por um completo bem-estar. O que já foi visto como algo natural e até mesmo fundamental à existência humana, podendo relacionar-se à capacidade de reflexão, criação e potência, passa a ser inaceitável.

Michel Pêcheux (2002) sugeria, numa obra de 1975, que os processos de interpelação do indivíduo em sujeito de um discurso não eram homogêneos. Haveria "os bons sujeitos" da ideologia, aqueles que nutrem com ela uma completa identificação, e outros que, no entanto, passariam por processos de desidentificação, isso porque, argumentaria o autor num artigo posterior (2002b), a ideologia falha.

Mais tarde, em 1982, Jean-Jacques Courtine (2009) acentuaria, a partir do conceito de enunciado dividido, a heterogeneidade como uma marca constitutiva das formações discursivas, atravessadas por outras, contraditórias ou concorrentes. O que implica na própria heterogeneidade que marca as posições ocupadas pelos sujeitos.

Um pouco antes, na década de 1970, Michel Foucault (2008) veria no poder a própria condição da resistência. Ele tratava das formas de normalização empreendidas pelo poder disciplinar e pelo biopoder. Para Foucault (1979), o poder não é algo unitário, tem formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. É antes uma prática social e, com isso, qualquer luta que se trava em seu âmbito é resistência dentro da própria rede de poder.

A partir dos três autores, podemos perceber que os processos de subjetivação (ou assujeitamento) são complexos, e que no próprio movimento de afirmação de um poder ou ideologia, os sujeitos podem vocalizar modos de resistência ou desidentificação.

Atualmente, a pesquisa se encontra em fase de revisão bibliográfica. Análises pontuais que concernem nosso objeto foram registradas em artigos acadêmicos.

**Palavras-chave:** Dor. Crônica. Clarice Lispector. Análise do Discurso. Comunicação.

## Referências

BIRMAN, Joel. **O mal-estar na atualidade:** a psicanálise e novas formas de subjetivação [da pós-modernidade]. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.

\_\_\_\_\_. **Dor e sofrimento num mundo sem mediação.** Rio de Janeiro, Trabalho apresentado no Estados Gerais da Psicanálise: II ENCONTRO MUNDIAL, 2003.

COURTINE, Jean-Jacques. **Análise do Discurso Político:** o discurso comunista endereçado aos cristãos. São Carlos: Ufscar, 2009.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir:** O nascimento das prisões. Petrópolis: Vozes, 2008

HAROCHE, Claudine. **A condição sensível:** Formas e Maneiras de Sentir no Ocidente. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2008.

LISPECTOR, Clarice. **A descoberta do mundo.** Rio de Janeiro: Rocco; 1999.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso.** Uma crítica à reafirmação do óbvio. Campinas: Pontes, 2002.



---

\_\_\_\_\_. Só há causa naquilo que falha. (2002b) in: PECHEUX, Michel. **Semântica e discurso**. Uma crítica à reafirmação do óbvio. Campinas: Pontes, 2002.